

UMA HUMANITÁRIA E SUAS MUITAS HISTÓRIAS EM PROL DA PAZ

FOTO DE ALEX FERRO/ DIVULGAÇÃO

POR CHRISTINA MARTINS, JORNALISTA ESPECIAL PARA PLURALE FOTOS: ARQUIVO PESSOAL DE FERNANDA BAUMHARDT/ DIVULGAÇÃO

A vida de Fernanda Baumhardt parecia um conto de fadas. Com 36 anos, a gaúcha, então publicitária, ocupava um cargo executivo da CNN Internacional e morava em Los Angeles, perto de Venice Beach. Tinha casa, comida, dinheiro no banco e um amor. Mas algo a incomodava. Sentia um vazio no peito; parecia insatisfeita, não sabia o porquê. Levada por uma amiga a um centro budista, começou a fazer meditações, o que lhe trouxe paz interior, abriu seus horizontes. E mudou o seu destino. Deixou para trás o mundo corporativo e foi em busca de um novo sentido para sua vida.

Há 15 anos Fernanda decidiu se jogar no mundo. Ao longo desse tempo, fez mestrado em Gestão Ambiental pela Universidade Livre de Amsterdam, recebeu o certificado em Comunicação Humanitária pela Universidade de Genebra e começou a trabalhar com projetos humanitários. Percorreu comunidades de mais de 30 países junto a diferentes organizações, como o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, diversos organismos das Nações Unidas (ONU) e o Conselho Norueguês para Refugiados (NRC), para o qual trabalha atualmente, por projeto.



Um pouco desta história de coragem e idealismo está retratada no livro *Vozes à Flor da Pele - uma humanitária brasileira em busca de propósito*, que chegou às livrarias pela Editora Lacre e foi lançado no último dia 19 de agosto, na Janela Livraria, no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro. A data não foi por acaso: 19 de agosto é o Dia Mundial Humanitário (World Humanitarian Day), escolhido pela ONU por conta do ataque terrorista à sede da instituição em Bagdá, em 2003, que matou 22 profissionais, entre os quais o chefe da Missão da ONU no Iraque, o brasileiro Sérgio Vieira de Mello.

Um dos diferenciais da obra é que a autora mescla a narrativa de suas missões à sua vida pessoal. Em ritmo de aventura, e às vezes beirando uma série de TV, Fernanda revela os bastidores do mundo humanitário - um setor, em geral, distante e romantizado no imaginário das pessoas. Nas 244 páginas do livro estão expostos, sem filtro e com coragem, seus dilemas nos relacionamentos amorosos e as difíceis escolhas que teve que fazer pelo caminho. Sobressaem-se também as histórias de 11 mulheres - a maioria migrantes e refugiadas -, entrelaçadas à voz e a questionamentos da própria autora,



FOTOS DE FERNANDA BAUMHARDT/ ARQUIVO PESSOAL/ DIVULGAÇÃO

durante sua trajetória.

Escolher uma missão como representativa não é fácil, principalmente porque, como humanitária, Fernanda não consegue separar o profissional do pessoal; “tudo vai junto”, diz. Mas a do Afeganistão, em 2018, foi diferente. “Em um assentamento, na periferia de Herat, encontrei a menina do olhar mais triste do mundo, que parecia esperar a morte. Ali enterrei minhas últimas gotas de esperança no “sistema internacional” e dei início a um silencioso e muito tênue processo de depressão”, confessa.

Em suas andanças, Fernanda segue por zonas em conflito ou devastadas por desastres, encorajando pessoas a segurar o microfone, a soltar a voz, filmar suas histórias e sugerir soluções humanitárias que possam gerar mais impacto em suas vidas. Sua função como técnica

de comunicação participativa é solitária. Não tem equipe, trabalha sozinha e cabe a ela a decisão final na edição do material, que é encaminhado para outras organizações. “Minha missão de vida é amplificar as vozes dessas comunidades, para que sejam ouvidas nas mesas de decisões humanitárias”, define.

A profissional consegue avaliar que o setor humanitário precisa pensar em ações que gerem menor impacto ambiental - e cita boas iniciativas que viu, como a distribuição e instalação de painéis solares em vilarejos abaixo da linha de pobreza, na região de Karamoja, Uganda, na África, na localidade de Yumbe e em Adjumani, também na Uganda, onde estão localizados os maiores assentamentos de refugiados do Sudão do Sul. Mas o caminho ainda é longo e árido.

“O trabalho humanitário em grande escala, infelizmente, gera estragos ecológicos, como por exemplo o transporte de grãos de um continente para outro, para aliviar a fome. É preciso mudar de fato as mentalidades e os processos para dar espaço a tais ‘inovações’, mas ainda vai levar um tempo. Existem interesses geopolíticos por trás do humanitarismo que muitas vezes influenciam as tomadas de decisão do setor”, analisa a autora.

Quando decidiu escrever o livro, Fernanda buscou várias editoras, inclusive internacionais, mas acabou fechando com a Lacre, de Flávia Lamas Portela. “Recebi muitas negativas até encontrar esta editora, de mulheres, que conseguiu identificar o potencial do livro e das histórias”, recorda. Hoje, com domínio de quatro idiomas e passagem por mais de 65 países, Fernanda está entre as 25 maiores especialistas em vídeo participativo do mundo - e é referência internacional na temática de participação comunitária em respostas. Segue sonhando com um mundo melhor e, se tivesse o poder da lâmpada de Aladim, teria um dos seguintes pedidos: o fim da guerra, das armas e da fome.

Vozes à Flor da Pele - uma humanitária brasileira em busca de propósito
Fernanda Baumhardt, com Rosane Queiroz
Editora Lacre
244 Páginas
R\$62,00